



LENINE
(EXTRACTOS)

ACERCA DE COMPROMISSOS



LENINE ACERCA DE COMPROMISSOS

O que é um compromisso? Os comunistas fazem compromissos? Acaso os compromissos significam renúncia aos princípios e ao objectivo final? Quem são os que pretendem renunciar às etapas intermédias e aos compromissos? Há tipos diferentes de compromissos? E quais? Qual o papel do Partido e dos dirigentes na determinação do verdadeiro carácter dum compromisso? O que significa a condenação dos compromissos em geral? Quais os resultados duma errada atitude em relação aos compromissos?

A esta e a outras questões responde Lenine, em algumas obras fundamentais, designadamente na «Doença Infantil do Comunismo».

A presente recolha de extractos das obras de Lenine sobre o problema dos compromissos contribuirá certamente para esclarecer e orientar os comunistas, os trabalhadores e os democratas em geral no difícil e complexo momento actual da revolução portuguesa.

Setembro de 1975

**SECÇÃO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**

(os títulos são da nossa responsabilidade)



O QUE É UM COMPROMISSO?

Em política, chama-se compromisso ao abandono de certas reivindicações, devido a um acordo com um outro partido.

A ideia que as pessoas habitualmente fazem dos bolcheviques, ideia alimentada pela imprensa que nos calunia, é de que os bolcheviques nunca aceitam qualquer compromisso com quem quer que seja.

Esta ideia lisonjeia-nos como partido do proletariado revolucionário, porque prova que os nossos próprios inimigos são obrigados a reconhecer a nossa fidelidade aos princípios fundamentais do socialismo e da revolução. Entretanto é preciso dizer a verdade: esta ideia não corresponde à realidade. Engels tinha razão quando, na sua crítica ao manifesto dos blanquistas, combatentes da Comuna (1873), sublinhava a sua declaração: «não aos compromissos!» Não é mais que uma frase, dizia, porque frequentemente acontece que as circunstâncias impõem fatalmente compromissos a um partido em luta, e é absurdo renunciar para todo o sempre à «aceitação do pagamento duma dívida a prestações».

«A propósito dos compromissos»,

O.C., vol. 25. ed. Fr., p. 333



ACASO OS COMPROMISSOS SIGNIFICAM RENÚNCIA AOS PRINCÍPIOS E AO OBJECTIVO FINAL?

O dever dum partido verdadeiramente revolucionário não é proclamar a impossível renúncia a todo o compromisso, mas sim permanecer, através de todos os compromissos, na medida em que são inevitáveis, fiel aos seus princípios, à sua classe, à sua missão revolucionária, à sua tarefa de preparação da revolução e de educação das massas tendo em vista a vitória revolucionária.

«A propósito dos compromissos», *ibidem*



RECUSAM OS COMUNISTAS ETAPAS INTERMÉDIAS E COMPROMISSOS?

«...Nós somos comunistas (escreviam no seu manifesto os blanquistas, combatentes da Comuna) porque queremos chegar ao nosso objectivo sem passar pelas etapas intermediárias e pelos compromissos que só afastam o dia da vitória e prolongam o período da escravidão».

«Os comunistas alemães são comunistas porque, através de todas as etapas intermediárias e de todos os compromissos criados não por eles, mas pelo desenvolvimento histórico, vêem com clareza e procuram com firmeza alcançar o seu objectivo final: a abolição das classes e a criação de um regime social que acabará com a propriedade privada do solo e dos meios de produção. Os 33 blanquistas são comunistas porque imaginam que desde o instante em que *querem* anular as etapas intermediárias e os compromissos, o assunto está arrumado, e que se «isto começa» um destes dias, coisa de que eles estão firmemente convencidos, e o poder lhes cai nas mãos, «o comunismo será instaurado» imediatamente. Se o não puderem fazer imediatamente, então é porque não são comunistas.

Que ingenuidade infantil engrir a própria impaciência em argumento teórico!» (F. Engels, *Manifesto dos Blanquistas Combatentes da Comuna*, extracto do jornal *Volksstaat*, n.º 73, 1874, na colectânea *Artigos de 1871 a 1875*, tradução russa, Petrogrado, 1919, pp. 52-53).

«A doença infantil do comunismo o radicalismo de esquerda», ed. «Avante!», págs. 91 e 92



HÁ TIPOS DIFERENTES DE COMPROMISSOS? QUAIS?

Naturalmente, a revolucionários muito jovens e inexperientes e também a revolucionários pequeno-burgueses mesmo de idade respeitável e muito experientes, parece extremamente «perigoso», incompreensível e errado «autorizar os compromissos». E numerosos sofistas (políticos ultra ou muito «experientes») raciocinam precisamente como os chefes oportunistas ingleses mencionados pelo camarada Lansbury: «Se os bolcheviques se permitem tal ou tal compromisso, porque não nos permitimos então todo e qualquer compromisso?». Mas os proletários instruídos por numerosas greves (para tomar só esta manifestação de luta de classe) assimilam em geral admiravelmente a profundíssima verdade (filosófica, histórica, política e psicológica) enunciada por Engels. Todo o proletário conheceu greves, conheceu «compromissos» com os opressores e os exploradores execrados, quando eram obrigados a retomar o trabalho sem nada ter obtido, ou aceitando uma satisfação parcial das suas reivindicações. Todo o proletário que viva numa atmosfera de luta de massas e de exasperação dos antagonismos de classe, pode aperceber-se da diferença que existe entre um compromisso imposto pelas condições objectivas (a caixa dos grevistas é pobre, eles não são ajudados e estão esgotados e esgotados ao máximo), compromisso que não diminui em nada nos operários que o concluíram, o devotamento revolucionário e a vontade de continuar a luta — e um compromisso de traidores que

apresentam como causas objectivas o seu baixo egoísmo (os fura-greves também concluem um «compromisso»), a sua cobardia, o seu desejo de agradar aos capitalistas, a sua falta de firmeza diante das ameaças, por vezes diante das exortações, por vezes diante das esmolas, por vezes até diante das lisonjas dos capitalistas (esses compromissos de traição são particularmente numerosos na história do movimento operário inglês, do lado dos chefes das uniões sindicais, mas quase todos os operários, em todos os países, tiveram também ocasião de observar, sob uma ou outra forma, fenómenos análogos).

«A doença infantil do comunismo:
O radicalismo de esquerda», ed.
«Avante!», págs. 92 e 93.



QUAL O PAPEL DO PARTIDO E DOS DIRIGENTES NA DETERMINAÇÃO DO VERDADEIRO CARÁCTER DUM COMPROMISSO?

Aparecem, evidentemente, casos isolados, excepcionalmente difíceis e complexos, em que é necessário um grande esforço para bem determinar o verdadeiro carácter de tal ou tal «compromisso» – do mesmo modo que é muito difícil decidir em certos casos, se o assassinio era absolutamente legítimo e indispensável (por exemplo, em casos de legítima defesa), ou se foi resultado de uma negligência imperdoável, ou até de um plano pérfido habilmente posto em execução. Naturalmente que em política, onde por vezes se trata de relações extremamente complexas – nacionais e internacionais – entre as classes e os partidos, numerosos casos se apresentarão, infinitamente mais difíceis do que a questão de saber se um «compromisso» concluído durante uma greve é legítimo, ou se é uma manobra de um chefe traidor, de um fura-greves, etc.. Querer encontrar uma receita, ou uma regra geral («Nunca entrar em compromissos», por exemplo) boa para todos os casos, é absurdo. É preciso usar a inteligência, raciocinar, para saber, em cada caso particular, encontrar o caminho justo. Uma das razões de ser da organização do partido e dos chefes dignos desse nome, é, entre outras, terem a obrigação de adquirir através de um trabalho constante, pertinaz, múltiplo e variado de todos os representantes pensantes da classe em questão, os conhecimentos necessários, a experiência e ainda o faro político necessários, para a solução justa e rápida das questões políticas complexas.

(...) Aceitar o combate quando ele é manifestamente vantajoso para o inimigo e não para nós, é um crime; e aqueles que não sabem «manobrar, entrar em acordos e compromissos» para evitar um combate que se apresente desvantajoso, não valem nada como dirigentes políticos da classe operária.



O QUE SIGNIFICA A CONDENAÇÃO DOS COMPROMISSOS EM GERAL?

«...Repelir com toda a decisão qualquer compromisso com os outros partidos... qualquer política de rodeios e de conciliação», escrevem as «esquerdas» da Alemanha no opúsculo de Francfort.

É caso para admirar que, com tais ideias, estas esquerdas não pronunciem uma condenação categórica do bolchevismo. Porque, enfim, não é admissível que as «esquerdas» da Alemanha ignorem que toda a história do bolchevismo, antes e depois da Revolução de Outubro, está cheia de exemplos de acordos, de conciliações e de compromissos com os outros partidos, sem exceptuar os partidos burgueses!

Fazer a guerra para derrubar a burguesia internacional, guerra com vezes mais difícil, mais longa e mais complicada que a mais encarniçada das guerras ordinárias entre Estados, e renunciar antecipadamente a marchar em ziguezague, a explorar as oposições de interesses (momentâneos que sejam) que dividem os nossos inimigos, renunciar a entrar em acordos e compromissos com os aliados eventuais (sejam eles temporários, pouco seguros, vacilantes e condicionais) não é de um ridículo sem limites? Não é exactamente como se, durante a ascensão de uma montanha inexplorada e inacessível até então, nós renunciássemos antecipadamente a marchar por vezes em ziguezague, a voltarmos atrás noutras ocasiões e a abandonar a direcção escolhida para tentar direcções diferentes?

ibidem, pags 94 e 95



QUAIS OS RESULTADOS DE UMA ERRADA ATITUDE EM RELAÇÃO AOS COMPROMISSOS?

A nossa teoria não é um dogma mas *um guia para a acção, disseram Marx e Engels; e o erro mais grave, o crime mais grave dos marxistas tão «diplomados» como Karl Kausty, Otto Bauer e outros, é não terem compreendido e não terem sabido aplicar esta verdade nos momentos mais decisivos da revolução proletária. «A acção política não é como o passeio da Avenida Nevski» (um passeio bem delimitado, largo e contínuo da artéria principal, absolutamente rectilínea, de Petersburgo), já o dizia N. Tchernychevski, o grande socialista russo do período anterior a Marx. Depois de Tchernychevski, os revolucionários russos pagaram com sacrifícios sem conta a sua ignorância e o seu esquecimento desta verdade. É preciso, custe o que custar, que os comunistas de esquerda e os revolucionários da Europa Ocidental e da América, devotados à classe operária, não paguem tão caro, como os russos atrasados, a assimilação desta verdade.*

ibidem, página 96